
CARTA DO EDITOR

OS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS NA PROMOÇÃO DO DIÁLOGO SUL-SUL

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval.
Oswald de Andrade

Ela descobriu que não pode suportar conceitos ou ideias com fronteiras rígidas.
Gloria Anzaldúa

A história do pensamento ocidental é também a história da subordinação do múltiplo pelo uno estruturada na compreensão arborescente de mundo segundo a qual o conhecimento se constitui por um tronco principal de onde decorre diferentes ramificações. O tronco simboliza a unidade do conhecimento, sua universalidade, identidade e perfeição; os galhos, frutos e folhas, secundários, são expressões e manifestações daquela unidade primeira ou de seu sentido último. A perspectiva arborescente visa a assegurar uma hierarquia “clara e distinta” entre o uno e o múltiplo com a qual se pretendem garantir as condições de fiabilidade do conhecimento verdadeiro e objetivo. Tal perspectiva não informa apenas o modo pelo qual tradicionalmente os objetos científicos são amiúde construídos, mas também o modo pelo qual a própria história da ciência é narrada. Assim, costuma-se dizer que a ciência moderna surge na Europa como parte dos desenvolvimentos da cultura greco-romana antiga e do renascimento e se desdobra em múltiplos lugares do mundo, uma consequência necessária de sua suposta superioridade técnica, cultural e civilizatória.

A vezes à leitura de uma origem fundadora, autopoietica e autorreferente, emergem perspectivas relacionais como forma de dessubstancializar tais narrativas e a imagem do próprio pensamento. Destaco, dentre vários, Enrique Dussel (2010), sobretudo, quando diz:

Grande parte dos ganhos da Modernidade não foram criatividade exclusiva dos europeus, mas de uma contínua dialética de impacto e contraimpacto, efeito e contraefeito, da Europa-centro e sua periferia, até no que poderíamos chamar de a própria constituição da subjetividade moderna enquanto tal. (p. 69). [Assim, a] filosofia europeia [, por exemplo,] não é um produto exclusivo da Europa, mas é produção da humanidade situada na Europa como ‘centro’, e com a contribuição das culturas periféricas que estavam num diálogo coconstitutivo essencial. (p. 71)

A chamada descolonização do pensamento e das ciências supõe, entre outras coisas, o questionamento do privilégio epistêmico europeu, entendendo sua produção dentro de uma histórica geopolítica dinâmica em processo de (re)configuração constante. Algo assim imputa a necessidade de (re)discutir o atual modelo de produção de conhecimento e de sua socialização, já que este está erigido a partir de uma ênfase excessiva em resultados segundo padrões pré-estabelecidos pelos cânones das ciências dos EUA, França, Alemanha e Inglaterra, único ponto de partida possível de todo conhecimento na perspectiva do pensamento arborescente. A aceitação dos modelos euro-norte-americanos sem escrutínio e avaliação crítica, além de subalternizar os/as pesquisadores/as da periferia com o selo de uma ciência inferior, é necessária à manutenção da hegemonia das universidades e dos centros de pesquisa dos países centrais cujas estruturas fazem parte da geopolítica do conhecimento, reificando o status quo e as desigualdades simbólicas e epistêmicas entre o Sul e o Norte globais.

Indubitavelmente, a “desobediência epistêmica” (MIGNOLO, 2010) praticada no Sul global como questionamento à hegemonia dos países centrais tem uma longa história cujos elementos que a compõe não supõem uma linearidade ou um desenvolvimento processual e contínuo tal como o pensamento arborescente suporia. Podem-se encontrar seus rastros na academia em diferentes momentos de sua história como também na experiência vivida de subjetividades racializadas, nas lutas por libertação e naquelas contra a exploração e dominação econômicas bem como na produção artístico-corporal de diferentes sujeitos. “Dupla consciência” (W. E. B. Du Bois), “antropofagia” (Oswald de Andrade), “quilombismo” (Abdias Nascimento), “redução sociológica” (Guerreiro Ramos), “amefricanidade” (Lélia

Gonzalez), “entre-lugar” (Homi Bhabha), “pensamento fronteiriço” (Gloria Anzaldúa), “teoria ambulante” (Edward Said), “epidermização da inferioridade” (Frantz Fanon), “transmodernidade” (Enrique Dussel), “colonialidade” (Aníbal Quijano), “diferença colonial” (Walter Dignolo), “pensamento outro” (Abdélkebir Khatibi), “crioulização” (Edouard Glissant), “provincialização” (Dipesh Chakrabarty) etc. não são conceitos no sentido platônico-kantiano do termo, mas outras maneiras de pensar o mundo e de imaginar/agenciar o próprio pensamento, contribuindo não apenas para o questionamento do privilégio epistêmico europeu, mas também para uma discussão sobre a localização epistêmica do conhecimento e da ciência e suas implicações políticas.¹

Tal concepção do pensamento, não arborescente, rizomática (DELEUZE & GUATTARI, 1995) talvez, assume a incerteza, exige o pensamento como experimento, como criatividade e como acontecimento com as implicações e consequências possíveis para não transformar as atividades de pesquisa e investigação em reconhecimento, cópias ou simulacros, no sentido platônico do termo, de uma realidade supostamente perfeita produzida nos centros hegemônicos. “Epistemologias do Sul: Pensamento Social e Político em/desde/para América Latina, Caribe, África e Ásia” surge, portanto, como uma aposta nas possibilidades de um diálogo mais intenso entre países subalternizados pela desigualdade epistêmica global. Não se trata, obviamente, de uma perspectiva baseada em um binarismo fundamentalista ou num romantismo ingênuo, mas da afirmação de um mundo epistêmico em que caibam muitas epistemologias, ou, ainda, de epistemologias que reconheçam a diversidade teórica e metodológica sem cair em relativismos.

“Epistemologias do Sul” se propõe a contribuir para a construção de redes de interesses acadêmicos desde as quais a descolonização do pensamento e

¹ A lista não pretende, obviamente, ser exaustiva. Ela tem a ver com a trajetória daquele que assina o presente texto. O/a leitor/a está convidado/a a inserir suas próprias referências e a contribuir para a ampliação da lista por meio do envio de artigos, ensaios e resenhas à revista.

da ciência possa ser fomentada, um ponto de insurgência ou um ponto de ruptura ou, pelo menos, de tensão na correia de transmissão da hegemonia epistêmica do Norte global. Pretende ainda facilitar a circulação de ideias e o exercício do diálogo interepistêmico promovido pelo encontro entre diferentes formas de pensar e de conhecer a realidade no desafio de buscar soluções para um conjunto muito vasto de problemas que assola o Sul global. Produzir um conhecimento entre pares interessados nos problemas das sociedades em que vivem, das sociedades em que se formaram, das sociedades em que contribuem para formar e informar, aprofundando o debate Sul-Sul sem obviamente ignorar as produções do Norte, segue fundamental na subversão da divisão internacional do trabalho intelectual e de seu papel na dominação e exploração globais. Assim, a revista pretende ser antes de tudo uma *prática no mundo*, e não mera *contemplação deste*.

Eis, pois, o desafio ao qual leitores/as, autores/as e colaboradores/as somos lançados/as com a publicação deste primeiro número. A expressão que lhe dá nome, tornada cada vez mais comum na esfera da circulação acadêmica em virtude dos trabalhos de Boaventura de Souza Santos e seu grupo (cf. SANTOS & MENEZES, 2010), mas também de um conjunto muito vasto e diverso de pensadores e pensadoras que, embora não reivindicem para si tal filiação, carrega certa preocupação com a localização epistêmica do conhecimento no contexto do sistema mundo moderno/colonial. As chamadas “epistemologias/teorias do sul” são uma invenção, resultado de – na ausência de uma melhor expressão – certa consciência histórica difusa de que é preciso disputar estruturas de sentido e de significado, arrancando o conhecimento de alguns pressupostos naturalizados e irrefletidos, sobretudo, no que diz respeito aos seus mecanismos de exclusão fundados em uma pretensa neutralidade, objetividade e universalidade, na ideia de uma origem exclusivamente europeia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistémica: la retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del Siglo, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

Marcos de Jesus Oliveira
Editor

8
